

PROGRAMA

MULHERES MIL

Cartas para Carolina





VERA EUNICE

CAROLINA



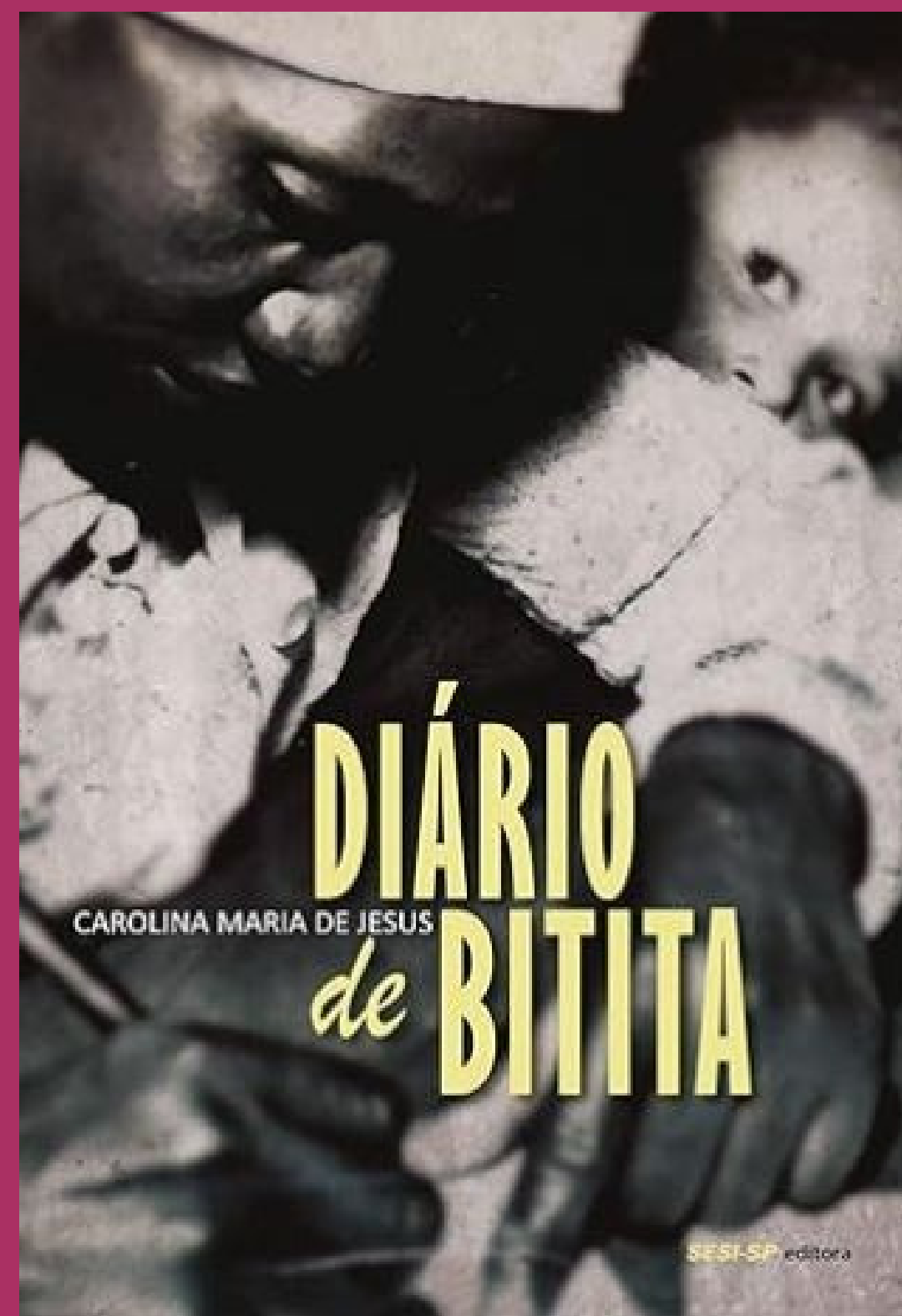
15:00 - 22:41

OBRAS OUTRAS DE CAROLINA...



CAROLINA
MARIA DE JESUS

O ESCRAVO



CAROLINA
MARIA DE
JESUS

casa de
alvenaria

VOLUME 1:
OSASCO



OBRAS OUTRAS PARA CAROLINA...



TRECHOS DAS CARTAS PARA CAROLINA

Maio de 1962

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro
se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade,
já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e
tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes
que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras.

Maio de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atola-

das de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criança à sua volta? Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol. Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito”. Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais. Não canso de me perguntar onde meus pais encontraram um nome desses.

**AGORA É COM
VOCÊ!!!!**

UMA MULHER NEGRA FELIZ
É UM ATO REVOLUCIONÁRIO

DENTRO DE UMA SOCIEDADE DESIGUAL TODO MUNDO É DESGRAÇADO

SÓ GOSTA DO FRIO QUEM TEM ABRIGO.

Small red caption cards are visible below each photograph.

DENTRO DE UMA SOCIEDADE DESIGUAL TODO MUNDO É DESGRAÇADO

SÓ GOSTA DO FRIO QUEM TEM ABRIGO.

Small red caption cards are visible below each photograph.

"O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome."

Nome:

[illegible]